Parábolas de Jesus

Explicações recebidas pela médium Émilie Collignon

As parábolas de Jesus são explicadas pelos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, através da mediunidade de Émilie Collignon (1820 – 1902), e comparadas com os ensinos de Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita.

A obra contém revelações e explicações sobre fatos descritos nos Evangelhos.

Coordenação: Paulo Afonso da Mata Machado

Clube de Autores

www.clubedeautores.com.br

2024

Mata Machado, Paulo Afonso da: Parábolas de Jesus
Revisão: 31/01/2024
Clube de Autores:
www.clubedeautores.com.br

Conteúdo

Apresentação 9

Prefácios 13

A médium Émilie Collignon 19

Colaborações na “Revista Espírita” 23

Revelações recebidas por Émilie Collignon 33

Parábolas de Jesus 39

1 – Parábola de João Batista como menor que o menor no Reino de Deus 39

2 – Parábola do semeador 45

3 – Parábola do servo culpado 57

4 – Parábola da tentação de Jesus 60

5 – Parábola de homens e mulheres como anjos 66

6 – Parábola dos trabalhadores da última hora 67

7 – Parábola do filho pródigo 73

8 – Parábola do bom samaritano 80

9 – Parábola do tributo a César 84

10 – Parábola do convite a pobres, estropiados, coxos e cegos ... 86

11 – Parábola do batismo 90

12 – Parábola do ódio aos pais 92

13 – Parábola da preocupação com as coisas materiais 94

14 – Parábola da mão direita e da mão esquerda 96

15 – Parábola do acordo com o adversário 98
16 – Parábola da geração daquela época 101
17 – Parábola do fariseu e do publicano 102
18 – Parábola do joio semeado no campo 106
19 – Parábola do fim do mundo 113
20 – Parábola da volta de Jesus 122
21 – Parábola da hora em que virá o ladrão 127
22 – Parábola da volta do Espírito impuro 127
23 – Parábola da divisão em vez da paz 130
24 – Parábola das obras do Filho semelhantes às obras do Pai .. 133
25 – Parábola da figueira estéril 137
26 – Parábola do poder de ligar e desligar 137
27 – Parábola da edificação da Igreja do Cristo 142
28 – Parábola da prece e do jejum para expulsar demônios 143
29 – Parábola das criancinhas e do reino dos céus 147
30 – Parábola do reino dividido 150
31 – Parábolas do grão de mostarda e do fermento 152
32 – Parábola do homem que lança a semente à terra 154
33 – Parábola do tesouro oculto 156
34 – Parábola da pérola de alto preço 157
35 – Parábola da rede lançada ao mar 157
36 – Parábola sobre o que torna o homem impuro 159
37 – Parábolas da ovelha desgarrada e da dracma perdida 162

38 – Parábola do mordomo infiel 166
39 – Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes 171
40 – Parábolas dos talentos e dos dez marcos 173
41 – Parábola do argueiro e da trave no olho 181
42 – Parábola dos dez mil talentos 184
43 – Parábola da desavença entre irmãos 187
44 – Parábola do cumprimento do dever 193
45 – Parábola da pedra, da serpente e do escorpião 194
46 – Parábola da viúva e do mau juiz 197
47 – Parábola do amigo inoportuno 198
48 – Parábola dos vinhateiros 201
49 – Parábola dos dois filhos 207
50 – Parábola do lugar à mesa 208
51 – Parábola do festim de bodas 208
52 – Parábola do servo prudente e do mau servo 211
53 – Parábola da árvore boa e da árvore má 215
54 – Parábola da videira e das varas 218
55 – Parábola da porta do aprisco das ovelhas 222
56 – Parábola dos primeiros e dos últimos 226
57 – Parábola da porta estreita 229
58 – Parábolas do remendo novo e do vinho novo em roupa e odres velhos 231
59 – Parábola do homem forte que guarda a entrada da casa ... 234

60 – Parábola da indissolubilidade do casamento 235
61 – Parábola dos que se fizeram ou foram feitos eunucos 244
62 – Parábola da misericórdia e do sacrifício 254
63 – Parábola do pecado contra o Espírito Santo 255
64 – Parábola do caniço quebrado e da mecha fumegante 257
65 – Parábolas da edificação da torre e do rei que quer entrar em guerra 258
66 – Parábola dos pobres de espírito 260
67 – Parábola dos mortos enterrarem os mortos 261
68 – Parábola do despojamento dos bens terrenos 263
69 – Parábola da escolha entre dois senhores 265
70 – Parábola do tesouro junto ao coração 267
71 – Parábola do camelo no fundo de uma agulha 269
72 – Parábola do rico ligado só às coisas da terra 270
73 – Parábola do mau rico e do pobre paciente e resignado 271
74 – Parábolas do sal da terra e da luz do mundo 281
75 – Parábola da transubstanciação do pão e do vinho 284
76 – Parábola da missão dos apóstolos 287
77 – Parábola do escândalo 294
78 – Parábola do uso da espada 299
79 – Parábola dos ventres que nunca geraram 302
80 – Parábola do prodígio do profeta Jonas 303
81 – Parábola dos dois devedores 306

82 – Parábola do fermento dos fariseus e de Herodes 309
83 – Parábola do primeiro ser o último..... 318
84 – Parábola da figueira que secou 319
85 – Parábola de Jesus ser caminho, verdade e vida 323
86 – Parábola das muitas moradas na casa do Pai..... 324
87 – Parábola de Jesus habitar em quem o amar 337
88 – Parábola da abnegação..... 339
89 – Parábola da seara 344
90 – Parábola do testemunho que Jesus dá de si 345
91 – Parábola do homem que anda de dia..... 349
92 – Parábola de Jesus ser a ressurreição e a vida..... 351
Outras revelações..... 359
93 – Jesus não fraquejou na cruz 359
94 - A mulher adúltera..... 362
95 - A piscina de Betesda..... 364
96 – Jesus não teve irmãos carnais 368
97 – Jesus não transformou a água em vinho 371
98 – A tempestade aplacada 377
99 – Quem não está contra mim, está por mim..... 382
100 – A ressurreição de Jesus..... 384
Conclusão 410

Apresentação

Jesus prometeu que enviaria um consolador para ficar eternamente conosco conforme o seguinte texto de João:

Se me amardes, observareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao pai e ele vos dará outro consolador, a fim de que esteja convosco para sempre. O Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o contemplou nem o conhece; vós o conheceis porque permanece junto de vós e estará entre vós. Não vos deixarei órfãos, venho para vós. Ainda um pouco e o mundo não mais me contempla; vós me contemplais, porque eu vivo e vós vivereis. Naquele dia, vós sabereis que eu estou em meu pai, vós estais em mim e eu em vós. Quem possui os meus mandamentos e os observa, esse é quem me ama. Quem me ama, será amado por meu pai e eu o amarei e me manifestarei a ele. Judas – não o Iscariotes – lhe diz: Senhor, o que sucede para que estejas prestes a te manifestar a nós e não ao mundo? Em resposta, disse-lhe Jesus: Se alguém me ama, observará a minha palavra; o meu pai o amará, e viremos até ele e faremos morada junto a ele. Quem não me ama, não observa as minhas palavras; a palavra que ouvis não é minha, mas do pai, que me enviou. Tenho-vos falado essas coisas enquanto permaneço junto a vós, mas o consolador, o Espírito santo que o pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos lembrará todas as coisas que eu vos disse. (João, 14, 15-26)

Em "Atos dos Apóstolos", Lucas lembra a explosão de mediunidade ocorrida no dia de Pentescoste e completa dizendo que *filhos e filhas profetizarão, jovens terão visões e velhos terão sonhos*, ou seja, o número de médiuns aumentaria significativamente:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava.

Havia em Jerusalém judeus, devotos a Deus, vindos de todas as nações do mundo. Ouvindo-se o som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando? Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes, nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua!

Atônitos e perplexos, todos perguntavam uns aos outros: Que significa isto? Alguns outros, todavia, zombavam e diziam: Eles beberam vinho demais.

Então Pedro levantou-se com os Onze e, em alta voz, dirigiu-se à multidão: Homens da Judeia e todos os que vivem em Jerusalém, deixem-me explicar isto! Ouçam com atenção: Estes homens não estão bêbados, como vocês supõem. Ainda são nove horas da manhã! Ao contrário, isto é o que foi predito pelo profeta Joel:

Nos últimos dias, diz Deus, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os jovens terão visões, os velhos terão sonhos. Sobre os meus servos e as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão. (Atos dos Apóstolos, 2, 1-21)

Allan Kardec explica que o Consolador ou Espírito da Verdade viria para ensinar todas as coisas e lembrar o que Jesus havia dito:

“Assim o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os

verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela fé e pela esperança. ”[1]

Com a multiplicação do número de médiuns, as mensagens mediúnicas encaminhadas a Allan Kardec lhe permitiram montar um corpo de doutrina.

Entre os médiuns que colaboraram na codificação da Doutrina Espírita, destaca-se Émilie Collignon. Sua obra mais notável é a explicação dos Evangelhos de Jesus, artigo por artigo. Desse modo, colaborou na promessa feita por Jesus de que o Consolador viria para ensinar todas as coisas e para lembrar o que ele havia dito.

Entre os espíritas, as parábolas de Jesus ainda são um enigma, pois muitos não conhecem a explicação dada através da mediunidade de Émilie Collignon à época da Codificação da Doutrina Espírita. Diante disso, resolvemos resgatar essas explicações e compará-las com a opinião de Allan Kardec.

Não se trata de mais um livro procurando decifrar o sentido oculto das palavras de Jesus. É, na realidade, o resgate de uma contribuição do Plano Espiritual para o entendimento do que Jesus disse de forma oculta para as massas, mas explicava aos discípulos em particular conforme esclarece Mateus:

Os discípulos, aproximando-se, lhe perguntaram: Por que lhes fala por parábolas? Respondeu ele: É porque a vós vos é dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas a eles, não. (Mateus, 13, 10-11)

O trabalho sobre a explicação dos Evangelhos foi feito em três volumes (em português, quatro volumes). Sempre que essa obra for citada no presente trabalho, nos limitaremos a indicar o volume e o item correspondente.

[1] Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo VI, 4.

Cada item é encimado por um ou mais textos evangélicos, com a respectiva indicação e, em seguida, a explicação recebida pela médium Émilie Collignon, seguida, sempre que possível, de explicações dadas por Allan Kardec ou por mensagens publicadas pelo codificador da Doutrina Espírita, destacando-se aquelas recebidas pela Sociedade Espírita de Bordeaux, dirigida pelo Sr. Sabò, da qual Émilie Collignon fazia parte.

Prefácios

Convidamos três companheiros de ideal espírita para prefaciarem a presente obra:

Paulo César Teixeira Chaves é palestrante espírita e frequenta o "Pequeno Templo", em São José dos Campos.

Denise Maria Elisabeth Formaggia é frequentadora do Centro Espírita "Amor e Caridade", em Caraguatatuba.

Cesare Luigi Gunnella também é palestrante espírita e frequenta a "Fundação Espírita Cárita", em Belo Horizonte.

Como os três aceitaram o convite, temos três prefaciantes.

Prefácio de Paulo César Teixeira Chaves

"Parábolas de Jesus.

"O que é isso? Para que é isso? Já ouviu falar sobre isso?

"Por acaso, sabia que elas são uma forma inteligente de que Jesus se utilizou para levar, principalmente àquele povo da sua época, conhecimentos morais elevados, em que Ele primeiro descrevia alguma situação do cotidiano e, depois, comparava com o reino de Deus. Esse recurso ajudava o seu ouvinte a entender o aspecto moral que ele procurava ensinar.

"E são essas narrativas breves, utilizadas nas pregações de Jesus, que serão foco dos estudos aqui narrados.

"O gênio Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita, no seu "O Evangelho Segundo o Espiritismo" (ESE), baseado no Sermão do Monte, também descreveu essas parábolas.

“Os capítulos do ESE podem ser divididos em três partes: a citação evangélica, que dá o título, o entendimento do capítulo feito por Allan Kardec, e o encerramento com as chamadas ‘Instruções dos Espíritos’.

“Instruções dos Espíritos são mensagens mediúnicas trazidas por Espíritos superiores, que foram canalizadas por médiuns que trabalharam com Allan Kardec, as quais têm por fim trabalhar o entendimento do capítulo.

“Entre esses médiuns colaboradores, podemos citar a educadora Émilie Collignon, que contribuiu com mensagens trazidas por Espíritos identificados como José, Simeão, Bernardin e Dufêtre.

“O processo mediúnico é a fonte de vários autores espíritas, que deram voz a Espíritos superiores e produziram textos inspiradores que auxiliam as pessoas a colocar o rumo de suas vidas numa busca incessante de elevação moral e espiritual.

“Agora tenho o privilégio de conhecer esta obra que reúne 83 parábolas de Jesus (92 parábolas ou grupos de parábolas nesta edição), as quais têm a colaboração de Émillie Collignon.

“Todas essas parábolas proporcionam aos interessados em buscar a reforma íntima ou a transformação moral uma condição ímpar de refletir sobre as nossas ações e atitudes no principal objetivo da vida, que é fazer o bem a todos. Não basta deixar de fazer o mal, mas de fazer todo o bem possível.

“Concito a todos que meditem sobre os preciosos ensinamentos aqui dispostos, pois a sua leitura deve ser acompanhada do mais profundo desejo de se envolver plenamente nessas orientações para uma vida plena de elevado padrão moral e espiritual.

“O melhor de tudo é que todos esses ensinamentos são oriundos do Sublime Peregrino, o Rei dos Reis, o Divino Mestre, que são alguns dos vários nomes atribuídos a Jesus, o Cristo. ” – Paulo César Teixeira Chaves. (São José dos Campos, 2021.)

Prefácio de Denise Maria Elisabeth Formaggia

“Foi com grande satisfação e honra que aceitei o pedido de meu colega de profissão, Paulo Afonso da Mata Machado, para escrever o prefácio do livro “Parábolas de Jesus”. Paulo conseguiu reunir as diversas parábolas de nosso Mestre Jesus Cristo – que se encontram descritas nos quatro evangelhos do Novo Testamento – , brindando-nos com as mensagens de diversos Espíritos recebidas pela médium francesa Émilie Collignon, objetivando auxiliar-nos na interpretação das palavras do Divino Mestre, além de resgatar esclarecimentos sobre o tema por Allan Kardec.

“Numa época em que a Humanidade ainda não tinha capacidade de compreender os ensinamentos de Cristo, o Mestre se valeu de parábolas baseadas no cotidiano das pessoas, para nos apresentar uma nova visão de mundo, baseada não mais no ódio, na conquista, no ‘olho por olho e dente por dente’, mas no Amor, na Misericórdia, na Tolerância, na Paz.

“Compreender suas palavras nem sempre é fácil, sendo dificultado algumas vezes pelas inúmeras traduções dos textos antigos, nem sempre fieis ao sentido original da parábola. Embora quase dois mil anos tenham se passado quando estas parábolas foram apresentadas ao povo humilde da Terra Santa, ainda não conseguimos capturar sua essência, pois continuamos com nossos corações endurecidos, materializados e equivocados em nossos

conceitos, esquecendo-nos do legado de Amor e Ensinamentos que nos foi concedido por Jesus.

Reler as parábolas de Cristo apresentadas neste livro é como um bálsamo para nossas almas tão brutalizadas pelas vicissitudes da vida, especialmente nestes tempos apocalípticos que vivemos, assombrados por uma epidemia que, em nossa arrogância, acreditávamos que nunca mais poderia afetar a Humanidade e que, de repente, muda nosso modo de ser e de viver.

Este é um livro para ser lido e relido várias vezes, pois, a cada leitura, novos conhecimentos e interpretações sobre as parábolas de Cristo ajudam a nos tornarmos Espíritos melhores a caminho da Evolução Espiritual, objetivo maior da criação. ” Denise Maria Elisabeth Formaggia. (Caraguatatuba, 2021.)

Prefácio de Cesare Gunnella

“Escreveu Kardec certa feita:

‘A Doutrina Espírita é como um vasto oceano e nós, espíritas, só chegamos à praia’.

“Uma verdade que fica cada vez mais clara quanto mais adentramos os estudos, com informações e ensinamentos vindos de Espíritos envolvidos com a causa e os ensinos de Jesus.

“Há muito a fazer para resgatar nossa essência divina e seguir em frente. Portanto, há muito a aprender.

“Diante de tantas obras já escritas e de ensinamentos que primam pela simplicidade, surgem outras elaboradas por Espíritos que estão entre nós, convivendo conosco na normalidade da vida

material, para auxiliar no estudo e no entendimento desses ensinamentos.

“Esta obra é um trabalho simples e objetivo, que correlaciona os esclarecimentos obtidos pela mediunidade de Émilie Collignon, médium e colaboradora de Kardec à época da Codificação, com os escritos do próprio codificador da Doutrina Espírita. Contém as máximas do Cristo, transmitidas muitas vezes de forma velada, em parábolas, revistas e iluminadas pelo tempo, pelos mensageiros do Plano Espiritual.

“O estudo e as reflexões, compilados, fazem muito por nós. Precisamos avançar e nada melhor que dispormos deles para clarear nosso caminho.

“Obrigado, Paulo. ” – Cesare Luigi Gunnella. (Belo Horizonte, 2021.)

A médium Émilie Collignon

Nascida na Antuérpia, Bélgica, em 1820, Émilie Aimée Charlotte Bréard teve, ao longo de toda a sua vida, uma condição financeira bastante confortável; seja pela posição de seu pai, Paul Damase Bréard, que vivia de rendas; seja daquele que, mais tarde, seria seu esposo, o pintor Charles Paul Collignon, apresentado nos documentos oficiais como 'capitalista', ou seja, também dotado de rendas suficientes para a garantia de uma condição confortável.

O conforto material não tisnou em momento algum a sensibilidade desse espírito generoso e dedicado ao bem. Ao contrário, os registros históricos revelam uma alma de profunda consciência social, empenhada integralmente em auxiliar os mais necessitados não apenas com recursos materiais, mas, principalmente, com sua inteligência, com seu tempo e com seus esforços reiterados em prol dos necessitados.[2]

Émilie Collignon fazia parte da Sociedade Espírita de Bordeaux, inaugurada em 14 de outubro de 1861, com a presença de Allan Kardec. O relacionamento entre as sociedades espíritas de Paris e de Bordeaux era bastante próximo tanto no plano físico como no plano espiritual. Os espíritos que se manifestavam em uma e em outra sociedade muitas vezes eram os mesmos, como João Evangelista e o próprio Espírito de Verdade.

Há um caso particular que demonstra o nível de aproximação entre as duas sociedades. O Espírito Jean Reynaud, em comunicação espontânea na Sociedade Espírita de Paris, disse que sua morte seria muito útil à causa do Espiritismo:

[2] Fonte: Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros, A educadora Émilie Collignon: Grande médium da Codificação Espírita.

“A minha morte reaviva a atenção dos letrados, encaminhando-a para a minha obra capital, atinente à grande questão espírita que eles fingem desconhecer, mas que muito breve os empolgará. ”

Jean Reynauld manifestou-se em uma reunião familiar, voltando a dizer:

“Quem vos disse que a minha morte não seja, de futuro e por suas consequências, um benefício para o Espiritismo? ”

Posteriormente, ao manifestar-se em Bordéus, respondendo à pergunta se professava o Espiritismo, disse:

“Há uma grande diferença em professar e praticar. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; pois bem, eu praticava e não professava. Assim como cristão é todo homem que segue as leis do Cristo, mesmo sem conhecê-lo, assim também podemos ser espíritas acreditando na imortalidade da alma, nas reencarnações, no progresso incessante, nas provações terrenas – abluções necessárias ao melhoramento. Acreditando em tudo isso, eu era, portanto, espírita. ”

Allan Kardec juntou as três comunicações e as publicou na íntegra, chamando atenção que, não obstante terem sido obtidas por três médiuns diferentes e estranhos entre si, pela analogia dos pensamentos e forma da linguagem, se pode admitir a autenticidade. [3]

Ao comparecer à inauguração da Sociedade Espírita de Bordeaux, Allan Kardec aproveitou para visitar Émilie Collignon a fim de observar as faculdades mediúnicas de sua filha Jeanne Collignon, à época com dezenove anos incompletos. Posteriormente, ao

[3] Allan Kardec, O Céu e o Inferno, 2ª parte, capítulo II, Jean Reynaud.

escrever sobre os médiuns de Bordeaux, Allan Kardec faz a seguinte menção à Srta. Collignon:

“Entre os médiuns que vimos, um há que merece menção especial. É uma moça de dezenove anos que, à faculdade de escrever, reúne a de médium desenhista e músico. Ela anotou mediunicamente, sob o ditado de um Espírito, que disse ser Mozart, um trecho de música que este não desautorizaria. Assinou-o, e várias pessoas, que viram os seus autógrafos, atestaram a perfeita identidade da assinatura. Mas o trabalho mais notável é, sem contradita, o desenho; trata-se de um quadro planetário de quatro metros quadrados de superfície, de um efeito tão original e tão singular que nos seria impossível dar uma ideia pela sua descrição. É trabalhado em lápis negro, em pastel de diversas cores e em esfuminho. Esse quadro, começado há alguns meses, ainda não está terminado; é destinado pelo Espírito à Sociedade Espírita de Paris. Vimos a médium à obra e tanto ficamos maravilhado com a rapidez, quanto com a precisão do trabalho. Inicialmente, e à guisa de treino, o Espírito a fez traçar, com mão levantada e de um jato, círculos e espirais de cerca de um metro de diâmetro e de tal regularidade, que se encontrou o centro geométrico perfeitamente exato. Nada podemos dizer ainda quanto ao valor científico do quadro; mas, admitindo seja uma fantasia, não deixa de ser, como execução mediúnica, um trabalho deveras notável. Devendo o original ser enviado a Paris, o Espírito aconselhou que o fotografassem para se tirar várias cópias.

“Um fato que devemos mencionar é que o pai da médium é pintor. Como artista, achava que o Espírito obrava contrariamente às regras da arte e pretendia dar conselhos. Por isso, o Espírito o

proibiu de assistir ao trabalho, a fim de que a médium não lhe sofresse a influência. ”[4]

Possivelmente, na visita que fez a Émilie Collignon, Allan Kardec tomou conhecimento dos ditados mediúnicos que ela vinha recebendo e solicitou-lhe que passasse a contribuir com a “Revista Espírita”.

[4] Revista Espírita de novembro de 1861, O Espiritismo em Bordeaux.

Colaborações na “Revista Espírita”

Após a visita de Allan Kardec, Émilie Collignon passou a colaborar na “Revista Espírita”. Ela juntou em uma brochura as diversas mensagens que havia recebido sobre a educação maternal, remetendo-as ao codificador da doutrina. Ao receber o material, Allan Kardec assim se pronuncia sobre seu conteúdo:

“Este opúsculo é o produto de instruções mediúnicas, formando um conjunto completo, ditadas à senhora Collignon, de Bordeaux, por um Espírito que assina Étienne, e que é desconhecido da médium. Essas instruções, publicadas primitivamente em artigos destacados pelo jornal ‘Le Sauveur’, foram reunidas em corpo de brochura.

“Estamos felizes em poder dar uma aprovação sem reserva a esse trabalho, tão recomendável pela forma quanto pelo fundo; estilo simples, claro, conciso, sem ênfase nem palavras de enchimento vazias de sentido, pensamentos profundos, de uma lógica irrepreensível, está bem ali a linguagem de um Espírito elevado, e não esse estilo verboso dos Espíritos que creem compensar o vazio das ideias pela abundância das palavras. Não tememos dar-lhe estes elogios, porque sabemos que a senhora Collignon não os tomará para ela, e que seu amor próprio não será de nenhum modo superexcitado por isso, do mesmo modo que ela não se formalizaria com a crítica mais severa.

“Nesse escrito, a educação é encarada em seu verdadeiro ponto de vista sob o aspecto do desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança, considerada desde o berço até o seu estabelecimento no mundo. As mães espíritas, melhor do que todas as outras, apreciarão a sabedoria dos conselhos que ela encerra, e é por isso

que nós a recomendamos como uma obra digna de toda a sua atenção. ”[5]

Também do Espírito Étienne é a obra “Conversas Familiares sobre o Espiritismo” recebida por Émilie Collignon, sobre a qual Allan Kardec faz as seguintes considerações:

“Temos a satisfação e cumprimos o dever de chamar a atenção dos nossos leitores para esta brochura, que apenas anunciamos no último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos princípios verdadeiros da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos e sob uma forma atraente. Fazer a análise dessa produção seria fazer a do Livro dos Espíritos e do Livro dos Médiuns. Não é, pois, como contendo ideias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina. ”[6]

Em abril de 1862, foi publicada na “Revista Espírita” mensagem do Espírito Gérard de Codemberg, falando sobre as dificuldades encontradas em uma reunião espírita, que finaliza com o seguinte parágrafo:

“Caros irmãos em Espiritismo, sois os escolhidos de Deus para sua santa propagação. Mais feliz que eu, um Espírito em missão na vossa Terra vos traçou o caminho, no qual deveis entrar com passo firme e determinado. Sede dóceis; nada temais: é o caminho do progresso e da moralidade da raça humana. Para mim, que apenas havia delineado a obra que vosso mestre vos traçou, porque me faltava coragem para me afastar do caminho batido, tenho a incumbência de vos guiar à situação de Espírito, na estrada boa e

[5] Revista Espírita de julho de 1864, Notícias bibliográficas, A educação maternal.

[6] Revista Espírita, edição de setembro de 1865.

segura onde entrastes. Poderei, assim, reparar o mal que cometi por ignorância e ajudar com minhas frágeis faculdades a grande reforma da sociedade. Não vos inquieteis com os irmãos que se afastam de vossas crenças. Ao contrário, agi de maneira que não mais se misturem ao rebanho dos verdadeiros crentes, pois são ovelhas sarnentas e deveis evitar o contágio. ”[7]

Esse parágrafo causou estranheza em Émilie Collignon, que enviou carta a Allan Kardec com os seguintes dizeres:

“A respeito das ovelhas sarnentas, achei tal maneira de ver pouco cristã, ainda menos espírita e completamente fora dessa caridade para com todos, que pregam os Espíritos. Não se preocupar com os irmãos que se afastam e guardar-se contra o seu contágio não é o meio de os reconquistar. Parece-me que, até o presente, nossos bons guias espirituais têm mostrado mais mansuetude. Esse Gérard de Codemberg será um Espírito bom? Se ele é, eu duvido. Perdoai-me essa espécie de controle que acabo de fazer, pois tem um objetivo sério. Uma de minhas amigas, espírita noviça, acaba de ler aquele número; detendo-se naquelas linhas, não encontrou a caridade que até agora observou nas comunicações. A respeito, consultei o meu guia e eis o que ele respondeu: ‘Não, minha filha, um Espírito elevado não se serve de semelhantes expressões; deixai aos Espíritos encarnados a aspereza da linguagem e reconhecei sempre o valor das comunicações pelo valor das palavras e, sobretudo, pelo valor dos pensamentos’. ”[8]

[7] Revista Espírita de abril de 1862, Palestras Familiares de Além-Túmulo, Girard de Codemberg.

[8] Revista Espírita de junho de 1862, Princípio Vital das Sociedades Espíritas.

Em longa resposta, o codificador da Doutrina Espírita explica por que publicou a manifestação de Codemberg, mesmo sabendo não se tratar de um Espírito superior. Destacamos do texto os seguintes parágrafos:

“Em Gérard de Codemberg nada prova que seja um Espírito muito adiantado; a obra que publicou, sob o império de evidente obsessão, com a qual ele mesmo concorda, o demonstra sobejamente. Por pouco evoluído que fosse, um Espírito não poderia enganar-se a tal ponto quanto ao valor das revelações que obteve em vida, como médium, nem aceitar como sublimes coisas evidentemente absurdas. Devemos, por isso, concluir que seja um Espírito mau? Certamente não; sua conduta durante a vida e sua linguagem depois da morte são a prova; está na categoria numerosa dos Espíritos inteligentes, bons, mas não suficientemente superiores para dominarem os Espíritos obsessores, que dele abusaram, pois não os soube reconhecer.

“Isso no que respeita ao Espírito. A questão não é saber se é mais ou menos adiantado, mas se o conselho que dá é bom ou mau. Ora, insisto que não há reunião espírita séria sem homogeneidade. Onde quer que haja divergência de opinião, há a tendência para fazer prevalecer a sua, o desejo de impor suas ideias ou sua vontade; daí as discussões, as dissensões, depois a dissolução; isso é inevitável e acontece em todas as sociedades, seja qual for o seu objetivo, onde cada um quer marchar por vias diferentes. O que é necessário nas outras religiões ainda mais o é nas reuniões espíritas sérias, na qual a primeira condição é a calma e o recolhimento, impossíveis com discussões que fazem perder tempo em coisas inúteis; é então que os Espíritos bons se vão, deixando o campo livre aos Espíritos perturbadores. Eis por que os pequenos comitês são preferíveis; a

homogeneidade de princípios, de gostos, de caráter e de hábitos, condição essencial da boa harmonia, aí é bem mais fácil de obter que nas grandes assembleias.

“O que Gérard de Codemberg chama ovelhas sarnentas não são as pessoas que, de boa-fé, procuram esclarecer-se quanto às dificuldades da ciência ou sobre aquilo que não compreendem, por uma discussão pacífica, moderada e conveniente, mas as que vêm com ideia preconcebida de oposição sistemática, que levantam discussões inoportunas a torto e a direito, capazes de perturbar os trabalhos. Quando o Espírito diz que é preciso afastá-las, tem razão, porque a existência da reunião está ligada a isto; ainda tem razão ao dizer que não se devem inquietar, porque a sua opinião pessoal, se falsa, não impedirá que a verdade prevaleça; o sentido dessa palavra é que não deve causar inquietação a sua oposição. Em segundo lugar, se aquele que tem uma diferente maneira de ver, a considera melhor que a dos outros; se o satisfaz, se nela se obstina, por que o contrariar? O Espiritismo não se impõe; deve ser aceito livremente e de boa vontade; não deseja nenhuma conversão pelo constrangimento. A experiência, aliás, aí está para provar que não é insistindo que lhe farão mudar de opinião. Com aquele que, de boa-fé, procura a luz, é preciso ser todo devotamento e nada se deve poupar: é zelo bem empregado e frutuoso; com aquele que não a quer ou que pensa tê-la, é perder tempo e semear sobre pedras. A expressão ‘não se devem inquietar’ ainda pode ser entendida no sentido de que não se deve atormentá-lo nem violentar as suas convicções; agir assim, não é faltar à caridade. Esperam trazê-lo a ideias mais sãs? Que o façam em particular, pela persuasão, admite-se; mas se deve ser uma causa de perturbação para a reunião, conservá-lo não seria dar-lhe provas de caridade,

pois isso de nada lhe adiantaria, enquanto seria uma falta para com os demais.

“O Espírito Gérard de Codemberg diz claramente, e talvez um pouco cruamente a sua opinião, sem preocupações oratórias, sem dúvida contando com o bom-senso daqueles a quem se dirige para suavizá-la na explicação, observando o que prescrevem ao mesmo tempo a urbanidade e as conveniências; mas, salvo a forma da linguagem, o fundo do pensamento é idêntico ao que se acha na comunicação referida a seguir, sob o título ‘O Espiritismo Filosófico’, recebida pela mesma que levantou a questão. ” [9]

Seguem-se outras considerações e, em seguida, é apresentada a mensagem “O Espiritismo Filosófico”, de Bernardin, recebida por Émilie Collignon em 4 de abril de 1862, da qual destacamos os seguintes parágrafos:

“Meus amigos, falamos do Espiritismo do ponto de vista religioso. Agora que está bem estabelecido que ele não é uma religião nova, mas a consagração dessa religião cujas bases lançou o Cristo, a que hoje ele vem trazer o coroamento, vamos encarar o Espiritismo do ponto de vista moral e filosófico.

“O Espiritismo vem, pois, dizer aos homens: Deixai esses atalhos tenebrosos, cheios de precipícios, cercados de espinhos e urzes, e entrai no caminho que leva à felicidade que sonhais. Sede prudentes, a fim de serdes felizes; compreendei, meus amigos, que, para os homens, os bens da Terra não passam de emboscadas, que devem evitar. Eis por que, finalmente, o Senhor permitiu que vísseis a luz desse farol que deve vos conduzir ao porto. As dores e os males que sofreis com impaciência e revolta são o ferro em brasa que o

[9] Revista Espírita de junho de 1862, Resposta à carta de E. Collignon.

cirurgião aplica sobre a ferida aberta, a fim de impedir que a gangrena perca todo o corpo. Vosso corpo, meus amigos, o que representa para o Espírito? Que deve ele salvar? Que deve preservar do contágio? Que deve cicatrizar, por todos os meios possíveis, senão a chaga que rói o Espírito, a enfermidade que o entrava e o impede de lançar-se, radioso, para o seu Criador?

"Voltai sempre os olhos para este pensamento filosófico, isto é, cheio de sabedoria: Somos uma essência criada pura, mas decaída; pertencemos a uma pátria onde tudo é pureza; culpados, fomos exilados por algum tempo, mas só por algum tempo. Empreguemos, pois, todas as nossas forças, todas as energias em diminuir o tempo de exílio; esforcemo-nos por todos os meios que o Senhor pôs à nossa disposição para reconquistar essa pátria perdida e abreviar o tempo de ausência. " (Comentário de Allan Kardec: Vide o número de janeiro de 1862: Doutrina dos anjos decaídos.)[10]

Allan Kardec diz que "essa comunicação faz parte de uma série de ditados sob o mesmo título: *O Espiritismo para todos*, todos eles marcados pelo mesmo cunho de profundidade e de simplicidade paternal ". Posteriormente, ele publicou outra mensagem desse Espírito, desta feita de caráter pessoal, recebida em abril de 1862, que termina com a seguinte pergunta e resposta:

"E como Espírito, agora, tendes ainda ocupações?

"Acreditaríeis então que os Espíritos ficassem inativos? A inação, a inutilidade ser-nos-ia um suplício. A minha missão é guiar centros

[10] Revista Espírita de junho de 1862, Ensinos e Dissertações Espíritas, O Espiritismo filosófico.

espíritas aos quais inspiro bons pensamentos, ao mesmo tempo que me esforço por neutralizar os sugeridos por maus Espíritos. ”[11]

Uma das mensagens do Espírito Bernardin foi publicada em “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (capítulo V, 27).

A mãe de Émilie Collignon recebeu do abade de Bordeaux a seguinte carta:

“Senhora,

“Lamento ontem não ter podido conversar convosco em particular a respeito de certas práticas religiosas contrárias ao ensino da santa Igreja. Falou-se muito disso em vossa família e mesmo da existência de um círculo. Eu me sentiria feliz, senhora, se soubesse que só tendes desprezo por essas superstições diabólicas e que estais sempre sinceramente ligada aos dogmas invariáveis da religião católica. ”[12]

Em nome de sua mãe, Émilie Collignon enviou ao eclesiástico longa resposta, que se inicia com os seguintes parágrafos:

“Meu caro Sr. abade,

“Estando minha mãe muito doente para responder pessoalmente à vossa bondosa carta de 8 do corrente, apresso-me em o fazer por ela e de sua parte, a fim de tranquilizar vossa solicitude quanto aos perigos que ela e sua família podem correr.

“Caro senhor, em minha casa não se realiza nenhuma prática religiosa que possa inquietar os católicos mais fervorosos, a menos que o respeito e a prece pelos mortos, a fé na imortalidade da alma,

[11] Allan Kardec, O Céu e o Inferno, 2ª parte, capítulo II, Bernardin.
[12] Revista Espírita de maio de 1862, Resposta de uma Senhora a um Eclesiástico sobre o Espiritismo.

uma confiança ilimitada no amor e na bondade de Deus, uma observância tão rígida quanto o permite a natureza humana das santas doutrinas do Cristo sejam práticas reprovadas pela santa Igreja católica.

“Quanto ao que possam dizer de minha família, mesmo da existência de um círculo, estou tranquila: jamais dirão, aqui ou alhures, que alguém tenha feito algo do qual tenha de corar ou esconder-se; e eu não coro nem oculto por admitir o desenvolvimento e a clareza que as manifestações espíritas espalham para mim e para muitos outros, sobre aquilo que havia de obscuro, do ponto de vista de minha inteligência, em tudo quanto parecia sair das leis da Natureza. Devo a essas *superstições diabólicas* o crer com sinceridade, com reconhecimento, em todos os milagres que a Igreja nos dá como artigo de fé e que, até o presente, eu encarava como símbolos, ou antes, – confesso-o – como fantasias. Devo-lhes uma paz de espírito que até agora não tinha obtido, fossem quais fossem os meus esforços. Devo-lhes a fé, a fé sem limites, sem reflexão, sem comentários; enfim, a fé tal como recomenda a santa Igreja aos seus filhos, tal como o Senhor deve exigir das criaturas, tal como nosso divino Salvador a pregou pela palavra e pelo exemplo. ”[13]

Allan Kardec publicou tanto a carta do abade como a íntegra da carta de Émilie Collignon na “Revista Espírita”, acrescentando a seguinte observação:

“Desobrigamo-nos de qualquer comentário a essa carta, deixando a cada um o cuidado de apreciá-la. Apenas diremos que conhecemos um grande número de escritos no mesmo sentido. A

[13] Revista Espírita de maio de 1862, Resposta de uma Senhora a um Eclesiástico sobre o Espiritismo.

passagem seguinte, extraída de uma delas, pode resumi-las, se não quanto aos termos, pelo menos quanto ao sentido: ”[14]

Segue texto em que uma senhora comenta que, após sua primeira comunhão, somente acreditava na realidade da vida presente, mas que, pelos fatos revelados pelo Espiritismo, não apenas voltou a crer em Deus e na alma, como também na vida futura.

As mensagens que Émilie Collignon recebeu da explicação dos Evangelhos, foram publicadas e o texto encaminhado a Allan Kardec, cujo comentário sobre a obra assim se inicia:

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com a ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável que tem, para os espíritas, o mérito de não estar, em nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada em ‘O Livro dos Espíritos’ e ‘O Livro dos Médiuns’. As partes correspondentes às que tratamos em ‘O Evangelho Segundo o Espiritismo’ o são em sentido análogo. ”[15]

[14] Revista Espírita de maio de 1862, Resposta de uma Senhora a um Eclesiástico sobre o Espiritismo.
[15] Revista Espírita de junho de 1866, Notícias bibliográficas, Os Evangelhos Explicados.

Revelações recebidas por Émilie Collignon

Dentre as mensagens recebidas por Émilie Collignon, há muitas revelações que explicam textos bíblicos tanto do Antigo como do Novo Testamento.

É o caso do "arrebatamento" de Elias (II Reis, 1-11). Pela mediunidade de Émilie Collignon, os Espíritos explicam o que aconteceu:

"Segundo a tradição interpretada ao pé da letra, Elias fora, à vista de Eliseu, arrebatado e, encarnado e vivo, subira ao céu num turbilhão.

"Como, então, seria possível que, continuando Elias a viver encarnado no céu, onde tudo é eternamente Espírito, a viver lá a vida material do homem, experimentando todas as necessidades peculiares a essa vida, seu Espírito (sua alma) reencarnasse no corpo de João, o Precursor, filho de Zacarias e de Isabel?

"A realidade das coisas, a verdade, ei-las aqui, segundo a mesma tradição, mas entendida, explicada em espírito e verdade:

"Elias e Eliseu, sob a influência e a ação espíritas, eram, conforme os casos e as necessidades das missões que um e outro desempenhavam, médiuns videntes, inspirados, audientes e, como tais, instrumentos das vontades do Senhor.

"Prevenido mediunicamente do seu próximo fim, portanto do termo próximo da sua missão terrena, inspirado e guiado pelos Espíritos do Senhor, Elias se afastou do meio dos homens, levando consigo seu discípulo Eliseu, a fim de prepará-lo para a revelação a que ia servir de instrumento, desempenhando entre os Hebreus a missão de profeta. Não sabendo até que ponto a mediunidade se poderia desenvolver em Eliseu, ao pedido que este lhe fez de ser o

seu sucessor, para guiar e corrigir o rebanho de Israel, Elias respondeu: ‘Se me vires, terás o que me pedes’. O mesmo era que dizer a Eliseu: ‘Se a faculdade mediúnica está em ti bastante desenvolvida, tu me verás em ocasião em que outros olhos não conseguiriam e isso será o sinal de que o Senhor te aceita para meu sucessor’.

“Caindo das alturas, o raio consumiu o corpo material de Elias e seu Espírito, revestido do perispírito que conservava ainda os caracteres e a forma do corpo de que acabava de separar-se, se elevou no espaço, em direção às regiões superiores, visível ao olhar mediúnico de Eliseu, e depois desapareceu, tornando-se invisível. As nuvens de vapor que se escapam das locomotivas, dos fornos das usinas e se elevam no espaço não são, a princípio, visíveis para os vossos olhos carnais, depois não se vão sumindo, até desaparecerem inteiramente, tornando-se-vos de todo invisível?

“Quando eles, prosseguindo seu caminho, dizem as Escrituras, marchavam conversando, eis que surge um carro de fogo, puxado por cavalos de fogo, e os separa um do outro, subindo Elias ao céu num turbilhão.

“Naquele momento, pois, Eliseu teve, como havia de suceder, visão mediúnica. O carro de fogo e os cavalos de fogo representam o raio que fulminou o corpo material, humano de Elias, ao mesmo tempo que o seu invólucro perispirítico se elevava sob os olhares do discípulo atento. Como não ignorais, os Espíritos do Senhor se servem, muitas vezes, dos elementos como meio de realizar atos determinados pela sabedoria divina.

“Não vos espanteis de que o raio tenha tomado, para a visão mediúnica de Eliseu, as aparências ou a forma de um carro de fogo

puxado por cavalos de fogo. Não é verdade que o raio toma, às vossas vistas, diversas formas? ”[16]

Outra revelação feita pela mediunidade de Émilie Collignon é a respeito da visita dos magos e da estrela de Belém (Lucas, 2, 1-12):

“A visita dos magos a Jesus não foi feita no estábulo. Já o ‘menino’ não estava mais na manjedoura quando eles o adoraram. Também não foi antes, mas depois da circuncisão e da purificação (de Maria) que a visita e a adoração se verificaram. Tendes um critério para vos orientardes a esse respeito: é a ordem do morticínio das crianças até à idade de dois anos. Se os magos tivessem vindo antes da circuncisão e da purificação, a ordem não atingiria a crianças de mais de um ano. Notai, com efeito, que Herodes deu aquela ordem de conformidade com as informações exatas que obtivera dos mesmos magos acerca do tempo em que lhes aparecera a estrela.

“Maria tinha que estar em Belém, com o ‘menino’, na ocasião em que eles chegassem para o visitar e o adorar.

“Os fatos tinham que ocorrer como ocorreram, sob a influência e a ação espíritas, tanto no que se refere a Maria e a José, quanto no que diz respeito aos magos.

“Esses encontros, essas ocorrências, que supondes ser o que chamais obra do acaso, por lhes ignorardes a causa, muitas vezes se produzem entre vós sob a influência e ação espíritas.

“José e Maria iam frequentemente a Belém, à casa de Matias, irmão do primeiro. Os Espíritos seus protetores lhes inspiraram a ideia e o desejo de lá irem na ocasião em que ali deviam achar-se para serem, com o menino, encontrados pelos magos. Foi, pois, na casa

[16] Vol. 2, 195.

de Matias que estes adoraram ‘o menino’ Jesus e lhe ofereceram, por presentes, ouro, incenso e mirra.

“Mas, como foram os magos induzidos a vir do Oriente a Jerusalém para indagar onde estava aquele que nascera ‘rei dos Judeus’? Como puderam saber que a ‘estrela’ que viram no Oriente era a daquele que nascera ‘rei dos Judeus’? Como foram levados a seguir essa ‘estrela’, a fim de o irem adorar? E que era essa estrela?

“Uma revelação espírita os instruiu a tal respeito. Em sonho, receberam dos Espíritos seus protetores o aviso de que um enviado do Grande Ser descera à Terra para ser o rei dos Judeus, a fim de regenerar a raça humana; de que seriam guiados até junto do ‘menino’ pela sua estrela, que veriam no céu; de que não lhes cumpria mais do que segui-la a fim de chegarem ao enviado celeste. Para cada um, a linguagem que lhe convém.

“Os magos subordinavam a existência de cada homem à influência de um planeta. Para eles, portanto, aquela ‘estrela’ era um planeta criado para presidir aos destinos de Jesus e lhes fora enviado expressamente para os advertir e guiar. Quanto aos outros homens, esses, segundo as crenças que os magos professavam, nasciam e morriam sob a influência dos planetas já existentes, cada um dos quais podia presidir aos destinos de milhares de indivíduos.

“Como sabeis – pois essa crença sobreviveu por muito tempo – os antigos acreditavam que o homem nascia sob uma boa ou má estrela. A ideia que, para os eruditos da época, servia de base a semelhante crença era que tal planeta, sob cuja influência o homem nascera, desprendia fluidos propícios ou contrários, os quais lhe facilitavam a concepção do bem, o estudo das ciências, a aquisição de riquezas terrenas, a realização dos desejos, a saúde, o prolongamento da vida ou acumulavam desgraças sobre desgraças, conforme a influência era boa ou má.

“Não vos espanteis da ideia de que, apoiados nas suas crenças, os magos fizeram da ‘estrela’ que os havia de guiar, tomando-a por um planeta capaz de executar um ato inteligente, qual o de os conduzir a determinado lugar. Para eles, a estrela obedecia a uma ordem dada, como o servo obedece ao amo.

“Não dizemos que isso foi real, pois, ao contrário, vamos explicar-vos a natureza da luz que eles tomaram pela de uma estrela.

“A luz que, sob a forma de estrela, cintilava aos olhos dos magos, nada tinha de comum com os astros que povoam a imensidade. Não pode o anjo da guarda mostrar-se ao homem sob a forma luminosa que julgue conveniente? O olhar escurecido da matéria será capaz de distinguir a luz emitida por um centro fluídico da que envolve os mundos que brilham sobre vossas cabeças?

“O que os magos viram não era uma estrela. Tudo na imensidade está submetido à lei da harmonia universal: portanto, uma estrela, o que quer dizer – um mundo, não se afastaria do centro de gravitação que lhe fora imposto para vagamundear pelo espaço, como lanterna em mãos de um guia. ”[17]

Allan Kardec apresenta opinião semelhante:

“Diz-se que uma estrela apareceu aos magos que foram adorar a Jesus; que ela lhes ia à frente indicando-lhes o caminho e que se deteve quando eles chegaram. (Mateus, 2:1 a 12.)

“Não se trata de saber se o fato que Mateus narra é real, ou se não passa de uma figura indicativa de que os magos foram guiados de forma misteriosa ao lugar onde estava o Menino, dado que não há

[17] Vol. 1, 43.

meio algum de verificação; trata-se de saber se é possível um fato dessa natureza.

“O que é certo é que, naquela circunstância, a luz não podia ser uma estrela. Na época em que o fato ocorreu, era possível acreditarem que fosse, porque então se cria serem as estrelas pontos luminosos pregados no firmamento e suscetíveis de cair sobre a Terra; não hoje, quando se conhece a natureza das estrelas.

“Entretanto, por não ter como causa a que lhe atribuíram, não deixa de ser possível o fato da aparição de uma luz com o aspecto de uma estrela. Um Espírito pode aparecer sob forma luminosa ou transformar uma parte do seu fluido perispirítico em foco luminoso. Muitos fatos desse gênero, modernos e perfeitamente autênticos, não procedem de outra causa, que nada representa de sobrenatural. ”[18]

Nos itens finais da presente obra, há outras revelações recebidas por Émilie Collignon, incluindo a controvertida questão da ressurreição de Jesus e do desaparecimento de seu corpo.

[18] Allan Kardec, A Gênese, capítulo XV, 4.

Parábolas de Jesus

Jesus falava, constantemente, por parábolas. Por isso, o número de parábolas não é exato. Um texto que alguns consideram como parábola, para outros é mera comparação.

Como Émilie Collignon psicografou a explicação dos Evangelhos artigo por artigo, o número de parábolas aqui consideradas pode ser maior que em outros trabalhos que tratam desse tema.

1 – Parábola de João Batista como menor que o menor no Reino de Deus

Que é o que fostes ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Que é, pergunto, o que fostes ver? Um homem vestido de finas roupas? Sabeis que nas casas dos reis é que se encontram os que se vestem magnificamente e vivem nas delícias. Que é, então, o que fostes ver? Um profeta? Sim, certamente, eu vo-lo digo, e mais que um profeta, porquanto dele é que está escrito: Eis que envio, na tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho adiante de ti. (Lucas, 7, 24-27)

“Referindo-se a João, Jesus dizia à multidão: Fostes ver um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que um profeta, porquanto dele é que está escrito: ‘Envio, à tua frente, o meu anjo, que te preparará o caminho’.

“Jesus se exprimia assim porque João, Espírito adiantado, já atingira um grau de elevação muito mais alto que os profetas. Contai os séculos de trabalho e de saber, decorridos depois da existência de Elias, e compreendereis que, comparando os profetas, nas diversas épocas em que apareceram, com Elias reencarnado como precursor do Cristo, Jesus mostrava a extensa linha de progresso que fora

percorrida. Hoje, Elias é muito mais ainda do que o Elias dos Hebreus. ”[19]

“Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: ‘Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias? Respondeu-lhes Jesus: É certo que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão a morte ao Filho do homem. Compreenderam então seus discípulos que era de João Batista que ele lhes falava’. (São Mateus, cap. 17) ”[20]

Allan Kardec cita outra passagem do Evangelho para confirmar que João Batista é Elias reencarnado:

Desde os dias de João Batista até o presente, o reino dos céus sofre violência e os violentos o arrebatam; pois, até João, todos os profetas e a lei profetizaram. (Mateus, 11, 12-13)

“As palavras: ‘Desde os dias de João Batista até o presente o reino de Deus sofre violência e os violentos o arrebatam’ encerram uma figura destinada a fazer sentir aos Hebreus que os que pretendiam ser os únicos a alcançar o reino dos céus eram incapazes de entrar nele. Tais palavras, repetimos, foram empregadas figuradamente, porquanto o Espírito culpado jamais gozou, nem jamais gozará da felicidade celeste, enquanto não se houver transformado.

“E ‘os violentos o arrebatam’, dizia Jesus, porque os fariseus e os escribas pretendiam que só eles alcançavam a paz do Senhor por

[19] Vol. 2, 149.
[20] Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, questão 222.

praticarem ostensivamente uma lei que com o coração violavam. Alardeando a posse de todas as graças de Deus, não arrebatavam eles, aos olhos da multidão ignorante, a morada eterna? ”[21]

Allan Kardec destaca que a lei mosaica ordenou o extermínio dos “infiéis”:

“Até o presente o Reino dos Céus é tomado pela violência: outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos Hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura. ”[22]

Pelo que, eu vos digo que, dentre os que hão nascido de mulher, nenhum ainda houve maior que o profeta João Batista; mas, aquele que for o menor no Reino de Deus é maior do que ele. (Lucas, 7, 28)

“Expressando-se desse modo, procurava Jesus impressionar fortemente os homens materiais e atrasados a quem se dirigia. Apresentando-lhes João, que tão grande era na Terra, como inferior ao que menor fosse no reino dos céus, intentava desenvolver naqueles homens as aspirações por esse reino e o desejo de alcançá-lo, ouvindo e guardando as palavras do Precursor e as suas próprias palavras, seguindo os caminhos que ambos traçaram.

“A diferença estabelecida entre João encarnado e João Espírito dizia respeito aos entraves da matéria. Por mais elevado que seja, o Espírito sofre sempre a influência do corpo que o constrange. Mas, por isso mesmo, o Senhor não se serve de uma só medida, como fazeis, para julgar dos atos de seus filhos.

[21] Vol. 2, 149.

[22] Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo IV, 11.